

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

89

INSCRIÇÕES 403-406



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2009

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-ono-mástica, ainda que breve.

.....
Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

.....
A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal Nº 21216/88

ARA FUNERÁRIA DE MELRES (GONDOMAR)
(*Conuentus Bracaraugustanus*)

Ara de granito, incompleta, apenas trabalhada nas faces anterior e laterais. O topo encontra-se arrasado, não restando nada do cimásio, e a molduragem do capitel ([21.5]x[35.5]x[36]) apenas se conserva, ainda que deficientemente, na face anterior, pois lateralmente a peça foi, a este nível, cortada, apresentando-se no lado direito mais estreita que o fuste. Da molduragem conservada, bastante mordida, parece poder identificar-se sequência de toro e gola encurtada, a que se segue filete na ligação ao fuste (57.5x39x32). A base ([5]x[39]x[33]), que não pudemos observar amplamente devido ao seu enterramento e aconchego em leito de argamassa de cimento, parece ter sofrido amputação das molduras e perda da parte inferior. A face posterior é plana, com acabamento a ponteiro.

Foi encontrada, em Dezembro de 1990, na igreja paroquial de Melres, sob o altar do Senhor dos Passos, a dois metros de profundidade, durante os trabalhos de ampliação do templo; nas mesmas obras foram também descobertos três capitéis na escavação para os alicerces da actual terceira coluna do alçado poente, que se interpretaram como pertencentes a uma galilé¹.

¹ De acordo com o sustentado por Manuel Joaquim Correia SOARES, “*Da terra de Mellores a que agora chamam Merles*”, Gondomar, 1997, p. 21. Neste trabalho monográfico que realiza sobre a freguesia de Melres, o autor apresenta a primeira notícia sobre o achado da epígrafe, acompanhada de uma cópia do texto: *D. M. / Camalae / Maxumi / Proculus / Fuscii f. / uxor pietissimae / f. c.* A existência de imprecisões de leitura e transcrição, significativas do ponto de vista epigráfico, a não menção dos dados metrológicos, a ausência de descrição do suporte, bem como de específico comentário de índole histórica, justificam, em nosso entender, a sua republicação individual em moldes científicos.

Não está documentado povoamento romano no interior ou nas imediações da povoação², mas tendo em consideração a profundidade a que se encontrava a peça e a proximidade ao Douro, apenas a escassos 200 m, é bem possível que possa ter existido ocupação antiga no próprio local onde hoje se implanta a igreja, documentando a ara uma necrópole que se associava a um sítio de tipologia incógnita e de que por ora não temos mais provas, podendo dever-se a forte assoreamento a falta de vestígios superficiais.

A peça encontra-se exposta no adro da igreja paroquial de Melres³.

Dimensões da peça: [84]x[39]x[36]

Campo epigráfico: 57.5x39

D(is) M(anibus) / CAMALAE / MAXVMI F(iliae) / PROCLVS / [F]VSCI F(ilius) / VXORI PIE / NTISSIMAE F(aciendum) C(urauit)

Aos deuses Manes. A Câmala, filha de Maxumo. Próculo, filho de Fusco, mandou fazer à esposa modelo de piedade.

Altura das letras: L. 1: 7; 1. 2: 6,2/7,2; 1. 3: 6,5/7,3; 1. 4: 6,3/7; 1. 5: 6,5/7; 1. 6: 6,2/7 (nexo RI = 7.8); 1. 7: 6,5 (nexo TI = 7,3; nexos SI = 7,5). Margens (sup. / inf. / esq. / dir.): 2,5/2,7; 2;1,5/8,5; 0,5/7,5. Espaços: 1: 0,5/1,3; 2: 1/1,3; 3: 0,8/1; 4: 0,5/0,7; 5: 0,7/1,3; 6: 1/1,5.

O campo epigráfico corresponde à face anterior do fuste, apresentando desgaste acentuado. A paginação é deficiente. O alinhamento da primeira regra fez-se pelo eixo de simetria, embora sem rigor. As restantes seguem alinhamento à esquerda. Gravação larga e redonda, havendo indício de reavivamento das três primeiras linhas. Caracteres comuns: CC de contorno próximo do semicírculo; MM altos e de vértices arredondados; AA com travessão reduzido a curto sulco

² Abrange terrenos da freguesia de Melres o couto mineiro das Banjas no seio qual se reconhecem marcas de exploração aurífera de época romana. Sobre esta questão veja-se Teresa SOEIRO, *Monte Mòzinho: apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*, Penafiel, 1984, p. 112-118.

³ Agradecemos penhoradamente aos srs. José Alfredo Correia Caneca e Joaquim Gonçalves Mendes, respectivamente Presidente e Secretário da Junta de Freguesia de Melres, bem como ao pároco de Melres, Pe. Carlos Armindo Oliveira Felgueiras, as informações facultadas e as facilidades concedidas para o estudo da peça.

descendente ligado à haste esquerda; PP de pança aberta; RR igualmente de pança aberta e prolongada por perna lançada; OO sensivelmente circulares; SS simétricos, com excepção dos da última linha, que apresentam a curva inferior ligeiramente mais ampla. Recurso copioso a nexos: na l. 2, AL, com barra curta ligada à extremidade inferior da haste direita do A, e AE, com barras unidas à haste do A, sendo a central mais longa; na l. 3, MI, com prolongamento da haste direita do M acima do vértice superior; na l. 6, RI, indicado pelo prolongamento superior da haste do R; na l. 7, TI, com prolongamento da haste do T além da barra, SI, criado pela junção de pequeno sulco à extremidade superior do S, e MAE, tendo por base o M, servindo a haste direita de apoio ao travessão e à haste inclinada do A e esta às barras que indicam o E. Ausência de interpontuação.

Trata-se do epitáfio dedicado por um marido à sua finada esposa, ambos pertencentes ao substrato social autóctone. Tanto a defunta como o esposo estão identificados por estruturas onomásticas compostas por nome único associado a patronímico.

A antroponímia, com excepção do idiónimo da defunta é de origem latina, mas com boa penetração nos meios indígenas, adivinhando-se tendência conservadora de transmissão dos nomes pela via feminina.

Camala, o nome da defunta tem mais documentação ao nível conventual⁴. O nome do pai, *Maxumus*, é, porém, latino, com a particularidade de relativamente à norma *Maximus* documentar alternância entre *i* e *u*, ocorrente noutros dobretes antigos. Este nome tem forte representação ao nível hispânico⁵, sendo também razoável a sua distribuição ao nível do Noroeste⁶.

Ao nível do idiónimo do marido, há também a particularidade linguística de *Proclus* estar por *Proculus*, denotando a forma registada segura afectação da linguagem oral, sendo interessante o registo de outro caso na ribeira duriense, patenteado em inscrição de Várzea do

⁴ Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia-Madrid, 1994, p. 313.

⁵ Barnabás LÓRINCZ, *Onomasticon Prouinciarum Europae Latinarum*, vol. 3: *Labareus – Pythea* Viena, 2000, p. 70-72. Ocupa este nome a quarta posição na lista de *cognomina* composta por J. M. ABASCAL PALAZÓN, *ob. cit.*, p. 421-424, incluindo as variantes gráficas e formas do género feminino.

⁶ Cf. Alain TRANOY, *La Galice romaine: recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981, p. 364.

Douro⁷. Aliás, os fenómenos de síncope, como este, têm uma origem eminentemente popular ou familiar, sendo particularmente abundantes no latim tardio. *Proculus* tem também forte distribuição peninsular⁸. *Fuscus*, o patronímico do sogro da defunta, é também um dos antropónimos com utilização cognominal e idionímica mais difundidos ao nível hispânico⁹.

Note-se que, relativamente a este patronímico, e porque uma moosa sofrida pelo suporte no início da linha em que se dispõe levou à perda da letra inicial, se poderia colocar em dúvida a restituição proposta em função da existência de um antropónimo *Tuscus*. Todavia, o seu registo claramente menor em termos de frequência e distribuição praticamente limitada à Lusitânia¹⁰, levam-nos a preferir a reconstituição com base no nome *Fuscus*, mais conforme a uma aparente atracção por antroponímia de larga difusão que se pressente neste registo documental e coincidente com a proposta de leitura originalmente publicada¹¹.

Tendo em consideração a tipologia do suporte, a presença da invocação dos deuses Manes e uso do superlativo, bem como, acessoriamente, a paleografia e as particularidades linguísticas, a inscrição será posterior aos meados do século II. O estatuto jurídico da defunta e do dedicante oferece como *terminus ante quem* os meados da centúria seguinte.

ARMANDO REDENTOR

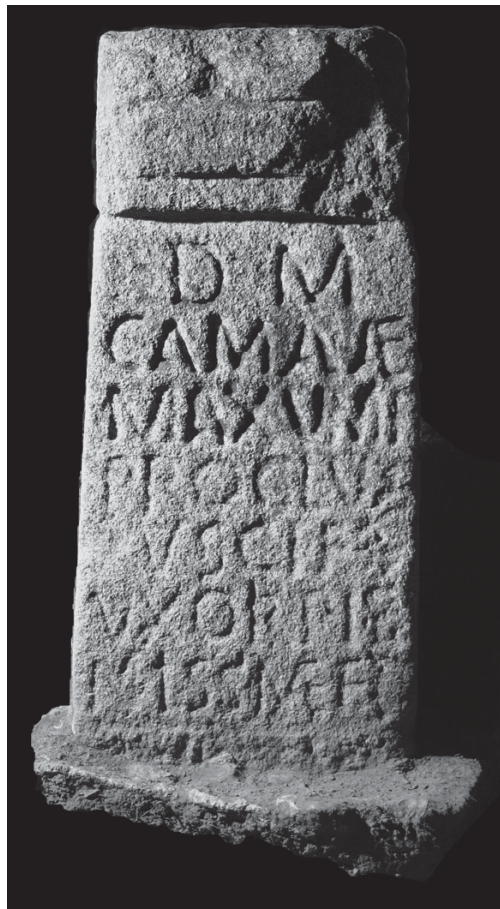
⁷ D. Domingos de Pinho BRANDÃO, «Novas estelas funerárias de Várzea do Douro (Marco de Canaveses)», *Revista de Guimarães*, 70:1-2, 1960, p. 194-196, n.º 4 = *HAE* 2126.

⁸ Barnabás LŐRINCZ, *ob. cit.*, p. 166-167. Conjuntamente com a forma feminina ocupa a sétima posição no rol de J. M. ABASCAL PALAZÓN, *ob. cit.*, p. 471.

⁹ Detém, conjuntamente com a forma feminina, a décima segunda posição na relação de J. M. ABASCAL PALAZÓN, *ob. cit.*, p. 375-376. Ver também Barnabás LŐRINCZ, *Onomasticon Prouinciarum Europae Latinarum*, vol. 2: *Cabalicius – Ixus*, Viena, 1999, p. 156-157.

¹⁰ Cf., a este propósito, o clarificador mapa publicado por Jürgen UNTERMANN, *Elementos de un atlas antropónimo de la Hispania antigua*, Madrid, 1965, p. 179-180, mapa 79. Veja-se também J. M. ABASCAL PALAZÓN, *ob. cit.*, p. 535-536 e GRUPO MÉRIDA, *Atlas antropónimo de la Lusitania romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 329, mapa 311.

¹¹ *Vide* nota 1.



403

MARCA DE OLEIRO DO CASTELO DOS PRADOS
(PINHEL)

No “castelo” dos Prados, freguesia de Freixedas, concelho de Pinhel, foram encontrados dois fragmentos de reboco ou de *tegula* com marca impressa.

O sítio do “castelo” está localizado a 697 m de altitude, dominando, pela sua posição privilegiada, todo o vale da ribeira de Massueime. Os vestígios romanos neste local são abundantes, nomeadamente cerâmica de construção, cerâmica comum, escória, pesos de tear, mós circulares e vários fragmentos de bronze.

A superfície oposta à marca é muito rugosa, enquanto a que apresenta a marca é alisada. A pasta, de cor castanha clara, contém bastantes elementos não plásticos (cerca de 40 %), de médio calibre. A marca, em cartela rectangular, completa-se em parte com o fragmento de menor dimensão. As letras de ambos os fragmentos estão muito desgastadas e esta é uma possível leitura; damos primeiro a do fragmento de maior dimensão e depois a do outro.

Dimensões máximas: 16,9 x 11,2 x 1. Dimensões da marca: 15,5 x 4.

[...] VS · HOS

[...] S · HO

As letras, em alto-relevo, ocupam toda a largura da cartela. Parte das letras no início da cartela foram apagadas pela erosão.

Será uma marca regional ou de um oleiro particular? Infelizmente, por enquanto, não há dados suficientes que nos permitam obter uma resposta. Talvez o futuro estudo, mais aprofundado, deste povoado proto-romanizado nos possibilite encontrar uma pista susceptível de trazer luz a este enigma.

FILIPE ALVES PINA



404



INSCRIPCIÓN FUNERARIA DE ACEDERA,
BADAJOZ
(*Conventus Emeritensis*)

La que ahora presentamos constituye, según nuestros datos, la primera inscripción romana reconocida hasta la fecha en el término municipal de Acedera, pequeña localidad de la comarca pacense de las Vegas Altas, localizada sobre un cerro que se alza sobre la vega del río Gargáligas y que se encuentra al hilo del trazado de la actual N-430.¹

Se trata de un epígrafe funerario realizado sobre una piedra de pizarra sin trabajar, de forma trapezoidal (fig. 1); la tosquedad formal del monumento contrasta con la calidad de la grafía y la cuidada paginación del texto, perceptible tanto en la disposición de las letras como en el diferente módulo presentado por las mismas (véase *infra*). El epígrafe fue hallado el día 12 de Abril de 1997 en el sector norte del término municipal, en una finca denominada «El Palazuelo» (que anteriormente pertenecía al Monasterio de Guadalupe y era conocida como «Palacio de Nuño Mateos»), en un lugar próximo al río Cubilar, junto a la carretera que va desde Madrigalejo a la N-430 (fig. 2), cuando José A. Ruiz Sanz realizaba las labores agrícolas necesarias para sembrar olivos. La conserva su descubridor en su casa de Orellana la Vieja.

Medidas: 56 x 49/25 x 4.

¹ Agradezco a José-Vidal Madruga Flores, buen conocedor de la epigrafía extremeña y mejor amigo, su gentileza y generosidad al proporcionarme todos los datos relativos a esta inscripción, incluidos las fotografías y muy diversos comentarios. Igualmente, doy las gracias a los Dres. Isabel Velázquez y Joaquín Gómez-Pantoja y a José Luis Gamallo, por sus siempre valiosas sugerencias. Este trabajo está adscrito al proyecto PADCAM S2007/HUM-0543.



Fig. 1. Inscripción funeraria de Acedera



Fig. 2. Lugar de hallazgo



Fig. 3. Detalle del texto

Texto (fig. 3):

G(*aius*) · LICINIVS G(*aii*) · LIB(*ertus*) / HELIX AN(*norum*)
CXX / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) · T(*erra*) · L(*evis*)

Letras: l. 1: 4,5; l. 2: 4,5/4; l. 3: 3,5.

Capitales librarias de buena factura. Interpunción: punto. En lín. 2 nexo probable AN y nexo seguro CX.

El único problema de lectura planteado por el texto radica en la línea 2, en la que el texto reza, en realidad, *Helix S M CXX*, sin que se adviertan interpunciones que pudiesen arrojar alguna luz para la recta comprensión y/o división de los grupos de letras. Teniendo en cuenta lo elevado del numeral, en principio podría parecer aconsejable buscar algún tipo de solución que, a través de la M precedente, entendida como abreviatura de *m(enses)*, y en conexión o no con la S que le antecede, rebajase la edad del difunto. Pero lo cierto es que tal solución parece en exceso alambicada, pues una indicación de tal número de meses, 120, equivalente a 10 años, carecería por completo de paralelos y aún de sentido.

Por ello, hemos considerado finalmente la posibilidad de que haya que agrupar la S con el nombre que la precede y, en consecuencia, entender *Helixs*; nos encontraríamos así ante un nuevo testimonio de una anomalía gráfica por completo habitual en la epigrafía peninsular,² motivada por una hipercorrección gráfica de la notación del grupo consonántico /ks/ por medio del grafema *x*, al que se le ha añadido una grafía *s* redundante. Esta anomalía se produce tanto a la hora de consignar antropónimos, como *Maximus* (véase *CIL* II 5291, de Torremocha, Cáceres), adjetivos, como *felix* (así en *HEp* 11, 2001, 124, de Oliva de Plasencia, Cáceres), verbos, en especial la forma *vixit*

² Véase A. J. Carnoy, *Le Latin d'Espagne d'après les Inscriptions*, Bruxelles, 1906, pp. 150-151 y, sobre todo, B. Fernández Blanco, *El grafema <x> en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Memoria de Licenciatura inédita, Universidad Autónoma de Madrid, 2000, pp. 40-73.

(así *CIL* II 568, de Mérida), indicaciones de *origo*, particularmente *Uxamensis* (así *CIL* II 3036 de Alcalá de Henares, Madrid), partículas, como *ex* (así en *CIL* II 912 de Talavera de la Reina, Toledo) y, sobre todo, sustantivos como *uxor* (aquí los ejemplos son numerosísimos; a modo de muestra baste señalar que tal anomalía se observa en el mismo texto de Oliva de Plasencia que hemos citado *supra*).³

La M consignada tras esa S podría interpretarse como un nexo AN no indicado correctamente y, por lo tanto, desarrollar *an(norum)*, admitiendo así la validez del numeral CXX como la indicación de la edad del difunto. Una edad elevada, cierto, pero en absoluto extraña en el registro epigráfico hispano, en el que abundan los testimonios funerarios relativos a personas inusitada – y pretendidamente – longevas: CXII en *CIL* II 1078 de Cantillana (Sevilla); CXV en *CIL* II 1920 de Cádiz capital; CXV en *CIL* II 2065 de Íllora (Granada), CXXV en *CIL* II²/5, 942 de Lora de Estepa (Sevilla) o CX en *CPILC* 52 de Arroyomolinos (Cáceres), por sólo citar algunos ejemplos. En su día J. d'Encarnação planteó la posibilidad de que el número 40, como edad del difunto, tuviese un carácter simbólico, viniendo a significar que el individuo fenecido había vivido plenamente; al hilo de esta idea se preguntaba: «nesse caso, não assumirá «oitenta» também um valor simbólico?»⁴; podríamos añadir aquí: ¿lo tendrá también 120?, pues no es sino tres veces 40.

Nos encontraríamos, por tanto, ante el epígrafe funerario de un liberto de edad avanzada: *G(aius) Licinius Helix*. La *gens Licinia* está muy bien representada en el conjunto epigráfico de Hispania, de suerte que, tal y como destaca J. M. Abascal⁵, *Licinius/Licinia* constituye el sexto gentilicio mejor documentado en el mismo. Su representación en el ámbito de la Lusitania es igualmente densa, constatándose en más de 60 ocasiones; los testimonios se encuentran bastante extendidos por todo el territorio provincial, aunque se observa una notable concentración de ocurrencias en el sector meridional,

³ De hecho, según B. Fernández, la anomalía gráfica más frecuente del grafema <x> en la epigrafía hispana es el dígrafo <xs>, que representa un 77,6% de los casos (*Op. Cit.*, p. 43).

⁴ J. d'Encarnação, «Morrer aos 40 anos na Lusitânia romana», [en] *Sociedad y cultura en Lusitania romana. IV Mesa Redonda Internacional*, J.-G. Gorges – T. Nogales Basarrate, coords., Mérida, 2000, pp. 241-247; aquí p. 244.

⁵ J. M. Abascal Palazón, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia, 1994, pp. 168-173.

especialmente en los núcleos de *Augusta Emerita*, *Olisipo* y Faião (Terrugem, Sintra, LIS).⁶

No ocurre lo mismo con el *cognomen* de origen griego *Helix* que, en masculino, y si nuestros datos son correctos, constituye un *unicum* en la epigrafía hispana;⁷ sí se conoce, por el contrario, la forma femenina *Helice*, detectada como nominativo en sendos epígrafes funerarios de Beja (*CIL* II 104 = IRCP 298) y *Tarraco* (*CIL* II 4352) y como dativo en otro más procedente de la misma capital tarraconense (*CIL* II 4339); a estos testimonios habría que unir la forma *Hellice*, también en nominativo, que completa el nombre de la fémina que dedicó un altar votivo a la divinidad *Helasse* en Miñano Mayor (Álava, véase *HEp* 1, 1989, 13).

Si bien es conocido, *Helix* no es, en efecto, ni un nombre frecuente, ni un nombre extendido:⁸ apenas cuenta con una decena de registros, registros que en su mayor parte proceden bien de la misma Roma,⁹ bien de núcleos situados en la propia península italiana.¹⁰ Por lo demás, en estos testimonios no es inusual su asociación con individuos cuya extracción servil es más o menos expresa o evidente: véanse, a modo de ejemplo, el caso de *C(aius) Epidius C(aii) l(iber-tus) Helix* de Herculano (*CIL* X, 1403) o la inscripción funeraria de *Aelia Tyche*, dedicada por sus padres, *P(ublius) Aelius Helix* y *Aelia Tyche*, de Roma (*CIL* VI, 6826).

Por la sencillez de las fórmulas funerarias empleadas y el tipo de letra, el epígrafe podría datarse en la segunda mitad del siglo I d.C.

MARÍA DEL ROSARIO HERNÁNDO SOBRINO

⁶ Véase Grupo Mérida, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, M. Navarro Caballero – J. L. Ramírez Sádaba, coords., Mérida-Burdeos, 2003, pp. 212-213.

⁷ No consta ni en Abascal, *Op. Cit.*, ni en la obra de A. Lozano Velilla, *Die Griechischen Personennamen auf der iberischen Halbinsel*, Heidelberg, 1998.

⁸ De hecho, en el *OPEL* no consta más que un único testimonio, el correspondiente a *CIL* V 482, véase *infra*, nota 10 (*Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum. Vol. II: Cabalicius-Ixus*, B. Lörincz, ed., Wien, 1999, p. 176).

⁹ Véanse *CIL* VI 6826, 11543, 29103a y 29559.

¹⁰ Véanse *CIL* V 482 de Isola, *CIL* X 1403 de Herculano, *CIL* X 2497 de Puteoli, *CIL* XI 5917 de Gubbio y *CIL* XIV 2805 de *Gabii*.

INSCRIPCIÓN FUNERARIA ROMANA
ENCONTRADA EN AZUQUECA DE HENARES,
GUADALAJARA

Esta nota describe una nueva inscripción latina que se encuentra en la “Finca de la Acequilla”, que está situada orillas del río Henares y a unos centenares de metros de la paralela Autovía del Nordeste (A-2), dentro del término municipal de Azuqueca de Henares (Guadalajara). El lugar se encuentra al borde de un viejo camino que se piensa corresponde al trazado de la vía entre *Caesaraugusta* y *Emerita Augusta*.¹ Según los propietarios, el epígrafe apareció en el mismo lugar donde está depositado, lo que resulta lógico considerando que toda la zona tiene un obvio interés arqueológico. Precisamente, en la propia “Finca de la Acequilla”, Vázquez de Parga excavó en 1962 lo que identificó como una villa romana y una necrópolis aneja algo más tardía, datada posiblemente de época visigótica a juzgar por el ajuar recuperado;² un par de kilómetros más hacía el Este, el hallazgo de más sepulturas condujo también a la identificación de otro cementerio visigodo.³

La pieza que presentamos como novedad es un bloque de piedra caliza local que mide actualmente 46 cm. de alto, 60 de ancho y 105 de largo y que se encuentra en muy buen estado de conservación. Contiene solamente una docena de letras de trazo muy regular y repar-

¹ Vd. J. M. ABASCAL, *Vías romanas de la provincia de Guadalajara*, Institución Provincial de Cultura “Marqués de Santillana”, Guadalajara 1982, p. 52.

² L. VÁZQUEZ DE PARGA, «Informe provisional sobre las excavaciones arqueológicas en Azuqueca (Guadalajara)», *Noticario Arqueológico Hispánico*, 7, 1963, p. 224-228.

³ M^a A. ALONSO SÁNCHEZ, “Camino de la Barca (Azuqueca-Alovera)”, *Wad-Al-Hayara*, 5, 1978, p. 267-268.

tidas en dos renglones, siendo ligeramente de mayor tamaño las del primer renglón (15 cm.) que las del segundo (13 cm.); nótese la pequeña *hedera* que aparece en la segunda línea. La lectura no ofrece ningún problema, aunque hay que mencionar el mayor desgaste de la letra A de l. 1 y de la E en la segunda. Lo conservado es indudablemente solo parte de un texto más extenso y que se debió desarrollarse sobre varios bloques similares al conservado:

[---] MATRI. M. A[---]
[---]BI · FACIE[---]

A pesar de su estado fragmentario, caben pocas dudas de la finalidad sepulcral del epígrafe y ello y el reparto del texto entre diversos sillares hacen suponer que se trata de una inscripción monumental, seguramente perteneciente a una edícula funeraria o a otra tumba de cierto porte. Con lo poco que ha llegado hasta nosotros, es difícil determinar el contenido preciso de la inscripción original, aunque parece obvio pensar que se requieren al menos otros cuatro sillares a cada lado del conservado para dar sentido al texto; incluso, es probable la existencia de otra hilera de sillares inscritos conteniendo al menos otra línea por encima de las dos disponibles. Una hipotética y nada imaginativa reconstrucción del epitafio podría ser:

[DIS MANIBVS - - -]
[- - -] MATRI · M(*arci*)·A[- - -]
[- - - ET SI]BI · FACIE[NDVM CVRAVIT]

ELENA MARTÍN BAS
JOAQUÍN L. GÓMEZ-PANTOJA

